

08-01-2021

Ano Novo

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

Ao final de cada ano é comum a emergência de sensações que vão do cansaço ou desânimo à empolgação com a possibilidade de um calendário em branco, aberto à organização de planejamentos, desejos, necessidade de repousar. Em 2020, o termo “novo” ganhou outro atributo, surgiu como prefixo da palavra “normal” para anunciar nossa insensibilidade com o passado, com o presente e com o futuro; a negação de suas conexões. Relógio que já vem com o *tempo enferrujado dentro*.

Uma droga discursiva que tem nos impulsionado ao abismo de nossas existências, subtraindo o sentido da experiência e o valor das *desimportâncias*.

Diante de tantos acontecimentos, cada um, à sua maneira e possibilidade, tem buscado travessias menos sinuosas, forças outras para seguir. Penso na arte como um desvio, ela segue impedindo que a realidade nos destrua, como há tanto pensou Niet.

Lembro dos ensinamentos ancestrais, da cosmologia das forças que habitam nosso corpo e nossas relações, da sua capacidade de transmutação. *Agroval*, de Manoel, é uma poesia que leio com frequência. Ela me afeta de modo especial, ajudando a recompor trajetórias no deslocamento, sobretudo em caminhos difíceis.

Pela experiência da seca, ela nos mostra que dificuldades, abandonos e perdas fazem parte de nossos ciclos. Chama a atenção para a capacidade do repouso, a potência de uma terra forte, o encontro das diferenças, a interdependência dos organismos, o mutualismo das relações. A força que existe entre os seres de *Agroval* não sustenta a vida somente quando há seca, ela também permite a sua continuidade, antes e depois, possibilitando, ano após ano, a *pura inauguração de um outro universo*. Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, é também inspiração. Quando escrevo, penso na sua maneira de plantar palavras no papel por meio da escrita. Ele fala da leitura como colheita, da mente como lugar de armazenamento, do consumo por meio dos sentidos: processo que nos possibilitará energizar ações de defesa. Para ele, as palavras germinam e tornam-se frondosas, são cuidadas por quem lê e por quem escreve. Quando penso em seus ensinamentos, os percebo como águas de um rio, vejo sua confluência com a poesia de Manoel. O mutualismo de Manoel conflui com a fronteira de Nego Bispo.

O mutualismo dos seres se torna um exercício de vida nas fronteiras. Assim como Nego Bispo pensa a degustação da palavra por todos os sentidos, Manoel nos reforça que sua poesia é também para sentir.

É o corpo, em sua potência, na produção de cada mundo.

A poesia de Manoel é marcada pelo seu envolvimento com cada elemento da natureza. Ele se vê ali, como parte de um todo preenchido por insignificâncias, e é sobre a incorporação desse envolvimento que ele planta palavras e, com a ponta de seu lápis, produz nascimentos. Esse exercício só é possível por meio do envolvimento com a vida, com as relações, com o universo que integramos junto aos incontáveis seres que compartilham esta terra. Nego Bispo nos ensina que esse possível é encantado pelo saber orgânico, pois o saber sintético só produz (des)envolvimento, processo que nos distancia de nós mesmos, a ponto de nos perdermos do e no tempo, de si e dos outros. Nego Bispo também nos provoca quanto ao tempo que habitamos e nos movemos e sua distinção em relação aos horários. O tempo é vivido, nele sentimos e nos deslocamos. Ele é condição para a experiência, uma forma singular de degustar a vida e seus sabores, diria Larrosa. O horário das coisas é a vida fragmentada, um sequestro do movimento.

Para ele, no tempo a gente se move, nos horários as pessoas se locomovem. Com Nego Bispo e Manoel, me pergunto se é possível inaugurar outro universo, resistir aos períodos de seca, pensar formas pulsantes de vida que não sejam pela via do encontro e do compartilhamento, exercícios de fronteira, encruzilhada como espaço de encontros entre as diferenças, solo fértil para o plantio de outro futuro, regado com as águas que vem. Movimentamo-nos ou apenas nos locomovemos sob o ritmo fabril que arrasta nossos corpos como máquinas? Nossas relações, *trocas e infusões*, são suficientemente fortes para nos manter vivos em tempos de secas de toda ordem? O que nosso (des)envolvimento tem produzido em nós? O que pode nosso envolvimento com outras formas de vida? De que modo permanece(re)mos aqui, antes e depois do agora?

A alvorada de um novo ano parece inaugurar ânimos para novos planos, que o novo ou o velho normal sejam desfeitos nessa travessia. Que possamos nos movimentar sem ignorar o tempo das pequenas coisas, a beleza das insignificâncias, a potência dos encontros e das partilhas, da vida em comum. Que o ano “novo” *chegue ao criancimento da palavra*, como semente plantada por Manoel. Que possamos apreciá-la com todos os nossos sentidos, como nos ensinou Nego Bispo.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.